

A luta das mulheres indígenas pela sobrevivência: uma leitura do rap “Nativa” de Katú Mirim

La lucha de las mujeres indígenas por la supervivencia: una lectura del rap “Nativa” de Katú Mirim

Érica Alessandra Paiva Rosa¹

Resumo

Este trabalho apresenta uma leitura do rap “Nativa” (2020), da artista indígena brasileira Katú Mirim. A leitura da canção atenta-se às linguagens verbal e musical dialogando com um arcabouço teórico relacionado ao feminismo decolonial, aos estudos culturais e de identidade. O rap versa sobre temas como o genocídio dos povos indígenas, a destruição dos bens naturais e da vida, a luta pela demarcação de terras, o controle dos corpos femininos e o aborto, dentre outros. Esses assuntos são abordados por Katú através de uma perspectiva de decolonização do saber que oferece uma geografia do conhecimento diferente do modelo de pensamento ocidental. Assim, “Nativa” e os outros raps da artista questionam os interlocutores sobre seus posicionamentos e atitudes.

Palavras-chave: Cultura; Identidade; Mulher; Produção artística; rap.

Resumen

El presente estudio presenta una lectura del rap “Nativa” (2020), de la artista indígena brasileña Katú Mirim. La lectura de la canción es atenta a los lenguajes verbal y musical dialogando con una base teórica relacionada con el feminismo decolonial, los estudios culturales y de identidad. El rap trata temas como el genocidio de los pueblos indígenas, la destrucción de los bienes naturales y de la vida, la lucha por la demarcación territorial, el control del cuerpo femenino y el aborto, entre otros. Katú aborda estos temas a través de una perspectiva de descolonización del saber que ofrece una geografía del conocimiento diferente del modelo de pensamiento occidental. Así, “Nativa” y los demás raps de la artista cuestionan a los interlocutores sobre sus posiciones y actitudes.

Palabras clave: Cultura; Identidad; Mujer; Producción artística; rap.

1. Introdução

Katú Mirim é uma rapper indígena brasileira que apresenta ideias feministas e decoloniais em seu trabalho artístico. Ela é descendente do povo Bororo Boe (Terra Indígena Merure – Mato Grosso) de pai indígena e mãe negra, mas foi adotada ainda bebê por um casal branco heterossexual e foi morar na periferia da cidade de São Paulo. Assim, Katú cresceu sendo reconhecida racialmente como parda, entretanto, ao ter contato com seu pai biológico, a artista começou a se identificar como indígena e a buscar conhecimento sobre a cultura de seus ancestrais como podia. Primeiro, ela conheceu a aldeia do Jaraguá (Terra Indígena Itakupé – SP), na qual aprendeu sobre a cultura Guarani, depois, conheceu a comunidade da qual seu pai era descendente e, demonstrando interesse em pertencer ao povo, foi reconhecida como integrante dele.

¹ Mestre em Letras; Universidade Estadual de Maringá – UEM; Maringá, Paraná, Brasil; erica.paivarosa@gmail.com.

Situada nesse local de fronteira entre diferentes margens, Katú constrói seu espaço de enunciação através da arte e das redes sociais, pois ela produz e divulga conteúdos na página “Visibilidade Indígena” (Facebook e Instagram) oferecendo uma geografia do conhecimento que rompe com o modelo de pensamento ocidental. Nessa conjuntura, a artista assume um posicionamento feminista decolonial ao negar as imagens sobre a população indígena propostas pelo eurocentrismo e ao construir suas próprias representações enquanto mulher ocupando o lugar de protagonista.

Este trabalho propõe, então, uma leitura do rap “Nativa” de Katú Mirim, que compõe o EP “Nós” (2020), a partir das teorias feministas e decoloniais guiadas por María Lugones, Claudia de Lima Costa, Walter Dignolo e Bill Ashcroft.

2. Fiquem vivas muitas narrativas prontas pra lutar

Historicamente, a luta das mulheres foi silenciada na América Latina em uma educação guiada pela ordem eurocêntrica do conhecimento, na qual a mulher indígena foi representada discursivamente pela narrativa ocidental. Diante disso, a apropriação das linguagens intelectual e artística expressa uma atitude de resistência das mulheres a fim de questionar os sentidos produzidos e divulgados pelo outro, realizar releituras dos textos, assim como reescrever suas próprias histórias. Para Ashcroft (2001, p. 15, tradução da autora), a linguagem “é a chave para a interpolação, a chave para o potencial transformador”, por isso, a resistência discursiva operada por meio dela apresenta um contradiscurso produzido pela mulher indígena que constrói imagens positivadas sobre si e suas companheiras. Tal atuação demonstra a importância de renovar as fontes de conhecimento e de representação na construção de um modo de pensar libertador e decolonial.

A arte tem configurado um campo profundamente rico para a expressão das mulheres latinas, conforme observado no trabalho poético de Katú Mirim com o rap. No plano verbal de “Nativa”, Katú expõe o uso de um outro referencial de conhecimento composto pelos saberes desenvolvidos nas comunidades indígenas, tal atitude caracteriza a decolonização do saber e, conseqüentemente, do poder: “Fiquem vivas muitas narrativas prontas pra lutar” (Katú Mirim, 2020). Desse modo, a rapper propõe em sua letra reflexões sobre as atitudes de dominação promovidas pelo viés do conhecimento, em um contexto no qual a tomada do discurso pela mulher indígena expressa uma resistência pacífica:

Nativa nativa, nós
Sim, nós temos voz!
Selvagem sim, também feroz
E derrubando ele feito dominó
Não estamos a sós!
Fiquem vivas muitas narrativas prontas pra lutar
Juntando força vamos decolonizar
Renovando a terra, a água e o ar
Nascemos prontas pra lutar!
Janelas fechadas pra não ouvir
O caos tão sorridente que se encontra aqui
Break up the window my people, get out!
*Shut up! We dont give a fuck!*²

² Tradução da autora: “Rompa a janela meu povo, saia! / Cale a boca! Não damos a mínima!”.

O inferno está aqui e eles acham tão normal
Nossa cabeça está a prêmio e tem até comercial
Beirando as nossas terras têm telefone e ramal
E natureza morta, alma, homem, animal (KATÚ MIRIM, 2020).

No trecho inicial do rap, apresentado acima, Katú coloca as mulheres como sujeitos de fala na discussão sobre os povos indígenas, expressando que elas têm voz e que são ouvidas, visto o cenário de mobilização entre artistas e lideranças políticas pelo uso dos espaços públicos de manifestação, como a própria atuação de Katú nas redes sociais. Nessa perspectiva, compreende-se que “a resistência à colonialidade do gênero implica, entre outras coisas, resistência linguística” (Costa, 2014, p. 933). Ao assumir o “lugar” de enunciação, Katú trabalha na construção de uma linguagem da decolonialidade. Aprofundando a reflexão sobre esses conceitos, Walter Dignolo expõe:

“Colonialidade” equivale a uma “matriz ou padrão colonial de poder”, o qual ou a qual é um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a violência da colonialidade. E descolonialidade é a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade (MIGNOLO, 2017, p. 14).

A colonialidade pode ser compreendida como a lógica que organiza o poder no colonialismo (e para além dele) por meio de uma série hierarquizações aos lugares de tomada de decisão, à criação de teorias e leis que controlam a vida social e à representação das pessoas através de materialidades simbólicas. A opressão das mulheres subalternizadas se articula em uma rede organizada por processos de racialização, exploração capitalista e heterossexualismo, portanto, um pensamento feminista deve ter a consciência de que “desagregando opressões, desagregam-se as fontes subjetivas/intersubjetivas de agenciamento das mulheres colonizadas” (LUGONES, 2014, p. 941). Nessas condições, o feminismo decolonial considera as relações de colonialidade nas relações contemporâneas reivindicando as intersecções de raça, gênero, classe e sexualidade enquanto sistemas que atuam em conjunto na constituição identitária das pessoas e, ao mesmo tempo, na organização das estruturas de dominação e resistência.

A partir desse arcabouço teórico, busca-se promover reflexões sobre como a promoção de uma perspectiva de pensamento e de compreensão do mundo que sugere uma consciência crítica pode colaborar para os processos de resistência e de re-existência de grupos minoritários. A atuação Katú Mirim como artista e ativista demonstra que os saberes e as experiências indígenas deslocam esses grupos sociais da condição de vitimização para a de agenciamento e a arte tem desempenhado um papel fundamental nesse processo.

Referências

ASHCROFT, Bill. *Post-Colonial Transformation*. London: Routledge, 2001.

COSTA, Claudia de Lima. Feminismos descoloniais para além do humano. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3), setembro-dezembro 2014, p. 929-934.

GOMES, Camilla de Magalhães. Gênero como categoria de análise decolonial. *Civitas*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 65-82, jan./abr. 2018.

KATÚ MIRIM. Nativa. In: Nós, São Paulo: Produção Urubatão, 2020. 1 EP. Publicado no canal Elza Soares. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zp7gWrDWehg>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. Trad. Juliana Watson e Tatiana Nascimento. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3), set./dez. v. 1, n. 1, 2014, p. 935-952.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. Trad. Marcos Jesus de Oliveira. *Epistemologias do sul*, Foz do Iguaçu, 1 (1), p. 12-32, 2017.